

to
oe
nt
nt

ANA LUIZA
FERREIRA

POEMA— ASSENTAMENTO

© Ana Luiza Ferreira, 2026

COORDENAÇÃO EDITORIAL Bárbara Tanaka e Guilherme Conde
EDITORA-ASSISTENTE Juliana Sehn
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Manoela Haas
PREPARAÇÃO DE TEXTO Bárbara Tanaka
REVISÃO Guilherme Conde
COMUNICAÇÃO Hiago Rizzi
PRODUÇÃO Antonio Aragão, Letícia Delgado, Raul K. Souza e Sophia Martinez

CAPA Manoela Haas
sobre *Orquídeas*, acrílica sobre tela, 60 x 90 cm, Yasmin Domingos, 2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)	
F383p	Ferreira, Ana Luiza Poema-assentamento / Ana Luiza Ferreira. – 1. ed. – Curitiba, PR: Telaranha, 2026. 72 p. ISBN 978-65-85830-42-3 1. Poesia Brasileira I. Título. CDD: 869.91
Índices para catálogo sistemático: 1. Poesia : Literatura brasileira 869.91 Henrique Ramos Baldisserotto - Bibliotecário - CRB 10/2737	

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
Abril de 2026

SUMÁRIO

7	UMA ESCRITA FELINA	por Natasha Felix
11	POEMA-ASSENTAMENTO	
69	ESCREVER UM ASSENTAMENTO	por Luiza Leite

UMA ESCRITA FELINA

por Natasha Felix

*Esses poemas / são coisas que faço / no
escuro / tentando te tocar / quem quer que
você seja / e / você está pronta?*

June Jordan, trad. Lubi Prates

Quando estiver diante do verso *escrever como quem se lança às onças*, você pode ou não assistir a uma delas pousar as almofadas das patas dianteiras sobre o tapete da sua sala. Você pode ou não sentir a mais velha ronronar ao invés de rugir, como era de se esperar. Você pode ou não desenhar no espaço focinhos molhados e uma fome de perigo que é mais sua do que delas. Você pode querer devorar, querer ser devorada.

Para que você tenha consigo a certeza de que existem felinas em volta de seu próprio corpo, precisa confiar em algo mínimo: um poema que simplesmente lhe diz isso. E a condição para a existência dessa escrita e desses bichos é que as onças precisam ser tão desejadas pela sua imaginação quanto o texto precisou ser desejado para estar aqui perto de nós.

Essas seriam as coisas feitas no escuro das quais June Jordan nos alerta, então. Quando diz ser uma *desconhecida / tentando adorar outros desconhecidos*. E encerra: *quem quer que você seja / quem quer que eu possa me tornar*. Sou atraída de volta para esses versos de JJ enquanto faço a leitura do precioso livro que você tem entre as mãos, o primeiro de Ana Luiza Ferreira.

A poeta nos deixa acessar um pequeno universo particular mobilizado por uma fixação com o erotismo cheia de arestas. O ser desejante, uma mulher negra, é quem nos lança para poemas carregados de urgências – e a paixão sendo a principal delas.

O desejo, em *Poema-assentamento*, é matéria bruta. O desejo de contrariar a violência racial, o desejo de escrever, o desejo de dinamitar as opressões, o desejo de escrever, o desejo de insubmissão, o desejo de escrever, o desejo de fazer vingar o corpo, o desejo de escrever, o desejo de escrever, o desejo de escrever.

Dito isso, se você procura um livro que te dê um sono tranquilo, talvez esteja no caminho errado. Este nos oferece uma viagem cacofônica, barulhenta, que se confunde em outros idiomas, nada apaziguada. O caminho é turbulento, definitivamente – o que é de se esperar quando estamos assistindo a alguém *dançando com uma espada em minha língua*.

Natasha Felix (1996) nasceu em Santos. Poeta e *performer*, é autora de *Use o alicate agora* (Macondo, 2018) e *Inferninho* (Círculo de Poemas, 2024). Integra as antologias *Nossos poemas conjuram e gritam* (Quelônio, 2019) e *As 29 poetas hoje* (Companhia das Letras, 2021).



da silva

pq mesmo morando longe da minha família no dia do meu nascimento estavam tia avó avô tio; pq tiveram de me dar duas madrinhas para qoubessem todas; pq não aguentavam + ficar em casa por causa do bebê mas então fizeram uma fotografia bonita y esse dia virou pra sempre o dia q eu conheci o mar; pq sempre me senti + profundamente eu qdo no meio das dez ou + me apontavam y diziam – *essa é a da deusinha* –; pq dormíamos todos os 10 ou quase numa cama só; pq tive amizades tão profundas q seriam capazes de estraçalhar o mito do amor romântico d uma vez; pq por causa de e* de l* de p* não me senti só naquele lugar naquele estado naquele prédio ou naquele país não perdi a cabeça d vez; por causa de i* de b* de m* acreditei na minha escrita; pq as vi costurarem à mão os livros umas das outras; pq meu melhor amigo no meu primeiro emprego era um homem d cinquenta y oito anos q me dizia sempre pra sonhar, *estudar y sonhar*; pq apesar das tristezas y pequenas raivas meus ex-amores foram sempre amáveis; pq apesar d todo o ódio todo o ódio que sinto diariamente y d todo o medo y do amargor eu sei do projeto colonial em curso q quer nos ver infelizes; pq apesar da escravidão do genocídio do projeto racial d miséria apesar disso tdo eu cresci em lares abundantes em matéria y amor – ainda q o amor não fizesse parte do vocabulário; y qro aprender a ser gentil sem deixar d ser forte

poema-assentamento nº 1

primeiro um corpo
o corpo é negro e
está envolto por uma concha.
um búzio, melhor dizendo –
é que eu evito falar a palavra búzio
nos meus textos
porque eu acho uma palavra-ideia-coisa-imagem
tão bonita
tão sagrada
que eu tenho até medo

mas como eu ia dizendo
existe esse corpo
negro
envolvido por esse búzio
e no lugar dos seus calcanhares e pés
crescem raízes

melhor dizendo: o corpo é que cresce
das raízes
que estão no lugar dos pés

o corpo é o tronco da árvore.
está envolto
pelo búzio pintado de céu

tanto o corpo quanto o búzio
são o tronco da árvore

e as raízes
desenhadas como se fosse a lápis
embora o corpo
mesmo
seja uma fotografia em preto e branco

e também a lápis
são os galhos que crescem do tronco da árvore
isto é
do corpo negro no interior do búzio

e crescem crescem
são maiores que o corpo mesmo
um pouco maior que as raízes

o mais interessante pra mim é
a forma como os galhos surgem no corpo-tronco:
como se no interior do tronco-concha
eles assumissem o lugar da coluna vertebral
do corpo
começando na lombar
até sair pela cabeça
desse corpo
de costas para quem o observa

mesmo em preto e branco
eu sei que é negro o corpo da fotografia.

poetry army

escrever como quem se lança às onças
como quem
num campo de mísseis e tanques
empunha uma faca

escrever pra encarar
cara a cara
o trauma
fazer de cada obsessão
de cada sintoma
matéria escrita
 poema
 palavra

pra estancar o sangue que
ainda sangra
ou
pra tacar sal na ferida aberta
 deixar que arda

escrever pra embalar a criança
dizer a ela que sara

escrever pra encerrar o passado
pra bendizer o futuro
pra assentar no presente

escrever como quem faz magia
pra chamar o amor
 romper o silêncio
 contar outra história

escrever pras amigas
e pros amantes
pra honrar a mãe
pra se vingar do pai
dar de comer aos irmãos
salvar os cães de rua

fazer do poema
 oráculo
abri-lo sobre a mesa
deixar que ele fale.